

# FORMAÇÃO EM PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES: DEBATER PARA FORTALECER O CUIDADO INTEGRAL NO SUS

Artur Alves da Silva; Karoline Barros Conceição, Victor Reis Santos

(Fórum Acadêmico de Saúde da *Universidade Federal do Vale do São Francisco – FAS/UNIVASF.*  
*artur.alves.ba@gmail.com, karolinebc@hotmail.com, victorreis20@gmail.com*)

## 1. Introdução

O campo das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) baseia-se em abordagens que trabalham com modos naturais de prevenção e recuperação da saúde, com foco na valorização da escuta, no fortalecimento do vínculo e na integração do ser humano com a natureza. Ademais, as PICS têm em comum uma visão ampla do processo saúde-doença e atuam no sentido de promover o cuidado humano integral (BRASIL, 2014).

Apesar disso, há um hiato entre as necessidades da população e o que as instituições de ensino colocam na trajetória da formação. Sendo assim, é preciso traçar estratégias para repensar a formação em saúde que tornem possível a superação desse desafio (CAVALCANTI et al, 2014). Nesse sentido, enquanto as Universidades não trabalham com as PICS e com outras temáticas que respondam às demandas da sociedade, estágios de vivência consistem numa oportunidade para despertar os estudantes a questionarem o processo formativo e a se engajarem na luta por uma saúde alternativa ao modelo biomédico.

O programa Vivências e Estágios Na Realidade do Sistema Único de Saúde (VER-SUS) constitui-se como um importante instrumento para promover tais mudanças na formação. A disputa de corações e mentes para a defesa do SUS através do VER-SUS tem forças e efeitos em diversos planos e lógicas (MARANHÃO, 2015). O presente trabalho visou discutir as percepções de estudantes da saúde sobre as PICS a partir das experiências vivenciadas em uma edição do VER-SUS no Vale do São Francisco.

## 2. Metodologia

### 2.1 – Tipo de Estudo

Trata-se de um trabalho com abordagem qualitativa e descritiva, refletindo sobre as impressões de estudantes do projeto VER-SUS no Vale sobre as PICS. A pesquisa qualitativa visa observar o mundo social a partir de interpretações de fenômenos e observações de vivências,

cotidianidade e experiências, valorizando a análise social através da compreensão que as crenças, atitudes, hábitos e valores influenciam diretamente nas relações sociais (ROMAGNOLI, 2009).

## 2.2 – Campo do Estudo

O estudo foi desenvolvido a partir dos relatórios encontrados na Plataforma Otics, nas comunidades do VER-SUS no Vale do São Francisco. Tais materiais são elaborados pelos participantes do projeto para permitir o compartilhamento de ideias, impressões e afetações a partir das discussões e vivências experienciadas. Na 4ª edição, foco deste trabalho, realizada em janeiro de 2016, vários espaços trouxeram as PICS à tona, como vivência na comunidade Quilombola de Tijuacu, localizada em Senhor do Bonfim-BA e momentos em espaços que promovem saúde alternativa, como o Centro de Terapias Naturais Giane Bande, em Juazeiro-BA e o Recanto Madre Paulina, em Petrolina-PE, além de rodas de conversa sobre a temática.

## 2.3 – Desenho de Execução

O trabalho teve como instrumento de análise os relatórios da comunidade “Vale do São Francisco – Senhor do Bonfim, Petrolina e Juazeiro, edição 2016.1”, que continha relatório de 25 viventes. Os materiais foram lidos, sendo selecionados aqueles que abordavam as PICS em suas discussões, totalizando em 15 relatórios aptos para serem analisados.

## 2.4 – Análise dos Dados

Os dados foram analisados sob a ótica da Análise do Discurso (AD), que para Minayo (2007) é uma abordagem que tem como base a reflexão sobre a compreensão e a elaboração dos significados produzidos nos textos.

Através da AD é possível analisar os sentidos de um texto e não somente o seu conteúdo, buscando compreender os sentidos que um indivíduo manifestou a partir de seu discurso, ou seja, na AD a linguagem permite evidenciar sentidos pré-construídos, que são ecos da memória do dizer, indo além do texto (CAREGNATO; MUTTI, 2006). Nesse sentido, foram identificados os marcadores linguísticos mais frequentes, que foram aprofundados ao longo desse trabalho, sendo eles “as PICS na formação em saúde” e os “paradigmas entre o saber alternativo e o saber científico”.

## 2.5 – Aspectos Éticos

O estudo foi desenvolvido com dados procedentes de uma plataforma de domínio público, o que dispensa a submissão à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa. Ademais, os nomes dos autores dos relatórios foram substituídos pelos nomes dos Núcleos de Base, que são grupos de trabalho formados pelos participantes do VER-SUS.

### 3. Resultados e Discussão

Visando alcançar o objetivo geral do trabalho, os dados analisados foram apresentados em duas categorias referentes aos objetivos específicos, que metodologicamente permitiram alcançar as principais temáticas trazidas pelos participantes em seus relatos.

#### 3.1 – As Práticas Integrativas na Formação em Saúde

Nesta categoria, foi possível perceber que os participantes do VER-SUS no Vale demonstraram que as PICS ainda são muito desconhecidas no ambiente acadêmico, visto que não são incluídas como possibilidades terapêuticas e de promoção de qualidade de vida nos cursos da saúde, o que leva os estudantes a se questionarem quanto a associação das PICS a sua atuação enquanto futuros profissionais da Saúde. Na fala de SUSpenso observamos essa indagação:

“O tema (PICS) gerou bastante discussão por ir de encontro ao discurso científico acadêmico, que era familiar a todos. O desconhecimento a respeito também gerou impacto levando ao questionamento: enquanto profissional eu recomendaria ou incorporaria tais práticas?”

Nesse contexto, Azevedo e Pelicioni (2011) apontam que há um despreparo político técnico-político de trabalhadores da saúde para atuarem efetivamente com as PICS de acordo com a realidade do SUS. Por isso, é extremamente necessário que sejam disponibilizadas alternativas ao conhecimento biomédico para os profissionais de saúde, visto que os mesmos entram em contato diariamente com os usuários do SUS e assim podem colaborar com o fortalecimento das PICS, como afirma Maria Bonita em sua fala: “é preciso também preparar os profissionais para enxergar essa possibilidade de tratamento, pois são esses que irão orientar os pacientes... além de fazer a comunidade de empoderar desse conhecimento”. Estácio et al. (2015) também ressaltam a importância de quem trabalha com a saúde ter preparação técnica para lidar com terapêuticas acessíveis ao povo, o que permite colher benefícios sem demandar dispendiosos recursos do SUS e dos usuários.

É importante destacar que apesar de encontrarem-se em formação, boa parte dos estudantes apontam que as PICS precisam ser estudadas pelos profissionais da saúde, não reconhecendo a graduação como momento oportuno para se trabalhar essa temática. Diversidade também revela isso na seguinte fala: “um tema polêmico (as PICS) e que precisa ser melhor discutido, explorado e estudado pelos profissionais da saúde”. Esse fato é preocupante, visto que na maioria das vezes o conhecimento sobre PICS depende do interesse do estudante. Siebeneichler (2015), por exemplo, identificou em pesquisa sobre os cursos da área da saúde da Universidade Federal do Rio Grande do

Sul que o aprendizado sobre PICS depende do nível do interesse do graduando, visto que a maioria das disciplinas que abordam essa temática são eletivas, e não obrigatórias.

Somente AvanSUS apontou que a Universidade precisa fortalecer as PICS, assim como outras temáticas hegemônicas, como se observa:

“...expliquei o motivo pelo qual elas precisam de espaço, assim como as crenças que normalmente são fortalecidas dentro da academia e que muitas vezes são reproduzidas sem qualquer questionamento.”

### 3.2 – Paradigmas Entre o Saber Tradicional e o Saber Científico

Nas narrativas dos NBs foi possível encontrar percepções que refletem o atual estado de debate em que se encontra os saberes utilizados pelas PICS: a valorização das práticas alternativas como método de cuidado em saúde em contraposição ao discurso hegemônico científico, de práticas academicistas. Esse conflito surge logo na apresentação da temática PICS aos viventes, ressaltado aqui pela narrativa de Jurema:

“[...] a ciência positivista ainda tem grande espaço e vem colocando em xeque modos de fazer saúde que não conclamam com seus métodos (testes pré-clínicos e clínicos) pois tais práticas são baseadas em muitos anos de uso e portanto tem legitimado seu uso”.

Compreende-se que a universidade respalda a racionalidade biomédica, impossibilitando o acesso a outras formas de pensar. Farias da Silva e Mendes (2015), reafirmam isso ao discutir que a imagem social de comunidades tradicionais é associada a posição que ocupa na sociedade e pela atividade produtiva que permite a constituição de seu saber. Assim, a produção do conhecimento popular fica a margem do conhecimento produzido pela academia.

Encontra-se também nas narrativas a compreensão da necessidade de um profissional técnico ou de estudos científicos para que as práticas fossem reproduzidas e/ou aplicáveis, funcionando na lógica de que apenas aquilo que passou pela instrumentalização formal pode funcionar/atuar de forma concreta: “Vale salientar que os fitoterápicos não devem ser usados de forma indiscriminada, mas com comprovação científica” (Ir-mãos). Entretanto, em estudo de Barboza da Silva et al. (2012) foi possível constatar a descoberta e utilização de ervas específicas por uma comunidade quilombola a partir de aspectos culturais (ancestralidade africana e os banhos) e ambientais (o modo de cozinhar com lenha e os problemas respiratórios), que demonstravam efeitos benéficos e foram sendo repassados de geração para geração, sem a intervenção de técnicos.

Por fim, houve a percepção da importância do diálogo entre os tipos de saberes, constituindo assim possibilidades diversas para os mais diferentes casos e sujeitos, contemplando as singularidades.

“Por se tratar de uma comunidade quilombola, com cultura e costumes ainda muito presentes, o atendimento em saúde precisa considerar e buscar articular os saberes técnicos

com aqueles trazidos pela população, numa adequação à realidade local, atenção diferenciada e linguagem apropriada” (SertãoSUS)

Essa condição pode ser compreendida a partir do conceito de Ecologia de Saberes, no qual trata-se que o conhecimento científico pode coexistir com outros modos de saber. Santos (2010) reconhece que esses saberes existem a partir de experiências únicas, de lutas e vivências de oprimidos. Assim, a universidade cumpre o papel de contar apenas a histórias de opressores, dos vencedores. Farias da Silva e Mendes (2015) afirmam a partir dessa perspectiva que essas visões de mundo que aparentam estar em divergência, possuem a finalidade de dar “explicações para o entendimento do mundo” e que o estabelecimento de diálogo entre suas fontes podem apresentar alternativas para lidar com as problemáticas que envolvem o mundo.

#### 4. Conclusões:

O VER-SUS no Vale surge com a proposta de mobilização de estudantes para a militância do SUS, permitindo o questionamento de paradigmas hegemônicos nos campos da saúde e da vida, indo além dos muros da universidade. Dar espaço para que estudantes de graduação e membros de movimentos populares possam trocar experiências, permite a elaboração de reflexões críticas sobre os modos de vida e cuidado alçados a partir da Reforma Sanitária.

Assim, discutir as PICS se tornou essencial para reafirmar a construção do modelo de saúde que reconheça as singularidades e os diferentes modos de existir no mundo, pois como afirma Telesi Júnior (2016), apenas com a vivência e a utilização dessas práticas é possível atribuir sentido a uma experiência que permite uma identidade de cuidado que é contra hegemônica, que estabelece uma um “processo capaz de mostrar que são possíveis outras formas de aprender, praticar e cuidar da saúde, de si e dos outros”.

#### 5. Referências Bibliográficas:

AZEVEDO, Elaine de; PELICIONI, Maria Cecilia Focesi. Práticas Integrativas e Complementares de desafios para a educação. **Trab. educ. saúde**. Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 361-378. 2011.

BARBOZA DA SILVA, Nina Claudia et al. Uso de plantas medicinais na comunidade quilombola da Barra II-Bahia, Brasil. **Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas**, v. 11, n. 5, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS. 2 ed. Brasília, 2014.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise do discurso versus análise do conteúdo. **Texto contexto enferm**, v. 15, n. 4, p. 679-684, 2006.

CARVALHO, Thaís Maranhão de Sá. **Função facilitador (a) nos estágios e vivências na realidade do Sistema Único de Saúde: marcas de protagonismo estudantil na construção de práticas formativas**. 2014.

CAVALCANTI, Felipe et al. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS: histórico, avanços, desafios e perspectivas. In: BARRETO, Alexandre Franca. **Práticas Integrativas em Saúde: proposições teóricas e experiências na saúde e educação**. Recife: Editora UFPE, 2014. p 140 – 143.

DE SANTI ESTÁCIO, Mércia Maria et al. Formação Técnica em Práticas Integrativas e Complementares em Saúde na Escola de Saúde da UFRN. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**. v. 1, n. 8, p. 34-42, 2015.

FARIAS DA SILVA, Márcia Regina; MENDES, Francisco Fabiano de Freitas. CULTURA E SABERES DA TRADIÇÃO: UM OLHAR SOBRE A DIVERSIDADE DO MUNDO. **Revista Extendere**, v. 3, n. 2, 2016.

MINAYO, Marília Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: HUCITEC, 2007.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. A cartografia e a relação pesquisa e vida. **Revista Psicologia e Sociedade**, v. 21, n. 12, p. 166-173, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SIEBENEICHLER, Priscila. Práticas integrativas e complementares em saúde na universidade: a formação como mola propulsora do bem viver. 2015.

TELESI JÚNIOR, Emílio. Práticas integrativas e complementares em saúde, uma nova eficácia para o SUS. **Estudos Avançados**, v. 30, n. 86, p. 99-112, 2016.